

CICLO

SCHUBERT

COMEMORATIVO DOS
150 ANOS DA SUA
MORTE

*Teatro de Gil Vicente
Coimbra*

**RECITAL DE FLAUTA E PIANO
COM**

EDUARDO LUCENA

FERNANDA SALEMA

DIA 27/3/1979

ÀS 21.30

Uma iniciativa da Casa da Cultura da Juventude
de Coimbra - com o apoio do P.À.O.J.

NOTAS BIOG

EDUARDO LUCENA

Componente da Orquestra Sinfónica do Porto, diplomou-se em Flauta no Conservatório de Música desta cidade, com a classificação de 18 valores, tendo sido bolsheiro na Fundação Calouste Gulbenkian.

Na Escola Superior de Música de Freiburg, na Alemanha, frequentou como bolsheiro do Instituto de Alta Cultura a "Solistenklasse" do reputado flautista e pedagogo Professor Aurèle Nicolet.

Colaborou em recitais em várias localidades do país, P.T.P., R.D.P. e apresentou-se como solista com a Orquestra Sinfónica do Porto sob a direcção dos Maestros Silva Pereira, Gunther Arglebe e Peres Newton.

É Professor de Flauta no Conservatório de Música do Porto.

CICLO SCHUBERT

- 6 de Março - Recital de Piano
- 20 de Março - Recital de Canto e Piano
- 27 de Março - Recital de Flauta e Piano
- 3 de Abril - Concerto pela Orqª Sinfónica do Porto/RDP

RÁFICAS

FERNANDA SALEMA

Aluna da Prof.^a Helena Costa, concluiu em 1968 o Curso Superior de Piano no Conservatório de Música do Porto, com a classificação de 19 valores.

Trabalhou com vários Mestres como Jean Françaix, Rudolf Baumgartner, Joaquim Rodrigo, Sandor Végh, William Glock e David Epstein.

Tem actuado em vários recitais, quer a solo quer com conjuntos de música de Câmara, com alguns dos quais se tem apresentado na R.T.P.

Apresentou-se ainda como solista sob a direcção dos Maestros E. van Remoortel, Gerhard Wimberger e Costa Santos.

Em 1973 e 1975 deslocou-se à Áustria para tomar parte nos cursos de música da Universidade Mozarteum (em Salzburg) tendo sido convidada a actuar na Wiener Saal(sala de Viena) da mesma Universidade.

P P O G R A M A

1.^a Parte

IMPROVISO nº2 em Lá b M, op.142 -SCHUBERT

(Piano solo)

INTRODUÇÃO e VAPIAÇÕES -SCHUBERT

(Sobre o tema Flores Secas -do ciclo A BELA MOLEIRA)

FLAUTA e PIANO)

2.^a Parte

SONATINA Para Flauta e Piano, op.23 -Luís Costa

- Allegro moderato

- Scherzino

- Vivo

SERENATA, op.41 - Beethoven

- Entrada - Allegro

- Allegro molto

- Andante con Variazioni

- Allegro Scherzando - Vivace

- Adagio

- Allegro Vivace e disinvolto

Flauta : Eduardo Lucena

Piano : Fernanda Salema

Franz Peter Schubert nasceu em Lichtenthal, um subúrbio de Viena, em 31 de Janeiro de 1797. Descendente de família de poucos recursos econômicos, desde muito novo que a sua vocação musical se revelou. O seu pai era professor primário e a família numerosa. O ambiente familiar primava pela amizade e compreensão entre todos e pelo cultivo da arte dos sons. Aos 10 anos é entregue aos cuidados de Michael Holzner, organista da Igreja Paroquial, com quem aprende canto, órgão e harmonia. Como possui uma linda voz e grande intuição musical é logo convidado para se integrar no coro da capela da Corte, passando mais tarde para o Seminário do Imperador a fim de prosseguir os seus estudos. Teve, assim, ensejo de tomar contacto com a música coral religiosa, bem como ganhar experiência de músico instrumentista tocando violino na orquestra do Seminário. Termina aqui a 1ª fase da sua produção artística, rica em composições como é o caso da 1ª Sinfonia ou das Danças Alemãs. Ao deixar o Seminário, envereda com mais afinco pela criação musical, cuja torrente mais parecia uma fonte inesgotável. A partir de 1813 aumenta extraordinariamente a sua obra, designadamente na música sinfónica, de câmara, de violino e piano. É neste período que escreve operetas e numerosas canções sobre poemas de Goethe. Segundo o tradicionalismo da família, os filhos seguem as pisadas dos pais e assim Schubert (Franz) tornava-se também prof. primário adjunto do seu pai. Mas, próximo de 1817, resolve deixar por tempo limitado as funções de mestre-escola e instalar-se em casa dum amigo para se poder dedicar em pleno à composição. Entretanto o conhecimento da sua música e a sua fama vão-se alargando, até que o seu condiscipulo do Seminário, o barão Josef von Spaun, o convida a realizar sessões musicais no seu palácio, satisfazendo deste modo os seus inúmeros admiradores, que passaram a frequentar assiduamente as Schubertiadas.

Depois da morte do seu amigo protetor, onde vivia, Schubert volta, contrariado, ao desempenho da profissão de prof. primário, e a sua produção acusa logo os seus efeitos na quantidade e qualidade. É neste período que começa a compor "A TRUFA" e pôr em música os poemas de Schiller. Porém, em 1818, o conde de Esterhazy convida-o para leccionar as suas filhas, obtendo daí alguma melhoria da sua situação financeira. Não se sentindo feliz com a sua estadia no castelo do Conde de Esterhazy, na Hungria, encerra o regresso à sua Viena, onde reencontra o ambiente típico: as tertúlias musicais, os seus admiradores e toda aquela vida de boémia artística que lhe tinha deixado marcas profundas na sua maneira de ser. Dormindo e comendo em casa de amigos, Schubert decide abandonar para sempre a rotina e enfadonha função de mestre-escola. À fase da maturidade, a partir sensivelmente de 1820, corresponde grande número das suas obras de maior vulto. É o caso de Roserunde da Chipre, o Quinteto em Lá Maior, a 8ª Sinfonia (Incompleta): a Fantasia para piano e os Momentos Musicais, estas últimas em Piano. Os últimos anos da sua vida são marcados por uma saúde débil, traumatismos amorosos, ansiedade arden-

te de realização humana não alcançada em parte (já que Schubert desejava ser um bom compositor teatral), amigos que se vão afastando, os editores que exploram os seus direitos. Sentindo-se abandonado e na maior penúria procura trabalho para sobreviver sem resultado. Mesmo assim, os últimos meses da sua vida continuam a ser de profunda actividade criadora, legando-nos obras como a grande Sinfonia em Dó Maior, a Missa em Mi♭ Maior, o ciclo "A Viagem de Inverno" a colectânea "O Canto do Cisne" esta sobre poesia de Heine. Fisicamente esgotado, Schubert sucumbe a 18 de Novembro de 1828, atacado de febre tifóide e desfigurado pela sífilis.

Schubert pode caracterizar-se por ser um homem simples, modesto e afectuoso. Tímido mas cordial, gostava de levar uma vida pacata, desprovida de qualquer ambição pessoal. Espírito sociável e misentropo, via na música uma maneira de exprimir com elevação os mais puros sentimentos humanos. Viveu numa época de perturbações políticas e de transformações sociais. Uma nova maneira de pensar e de encarar o Homem e o Mundo deu lugar ao aparecimento duma nova ciência: a psicologia.

Uma faceta da sua maneira de compor reside no inesperado das harmonias e na facilidade com que desenvolvia os temas e as improvisações. É nesse jeito de modular (a chamada modulação por equívoco) e improvisar que Schubert nos oferece um conjunto de contrastes multicolores que tornam o seu estilo inconfundível. Na música orquestral algumas obras têm falhas de conteúdo e realização, fruto da grande facilidade e espontaneidade com que escrevia, embora as suas últimas composições se aproximem muito do seu real valor. Na música para piano revela o seu génio fecundo, fundamentalmente nos Impromptus e nos Momentos Musicais. Mas é no Lied - canção alemã - que o seu talento mais se afirma. Ao realizar uma simbiose perfeita entre a poesia e a música, Schubert estabelece aquela atmosfera de enquadramento lírico e dramática entre o canto e o piano acompanhador. O lied é, pois, a sua criação mais inconfundível. As 600 canções que escreveu ficaram como modelo raramente ultrapassado até aos nossos dias.

No ciclo Schubert procura-se dar ideia da sua obra nos aspectos a que nos referimos: orquestral, pianístico e lied.

(A.M.)